



Ministério da Agricultura,
Mar, Ambiente e
Ordenamento do Território

DRAP Centro
Direcção Regional
de Agricultura e Pescas
do Centro

1936 - 2011

ESTAÇÃO AGRÁRIA DE VISEU

75 ANOS AO SERVIÇO DA AGRICULTURA

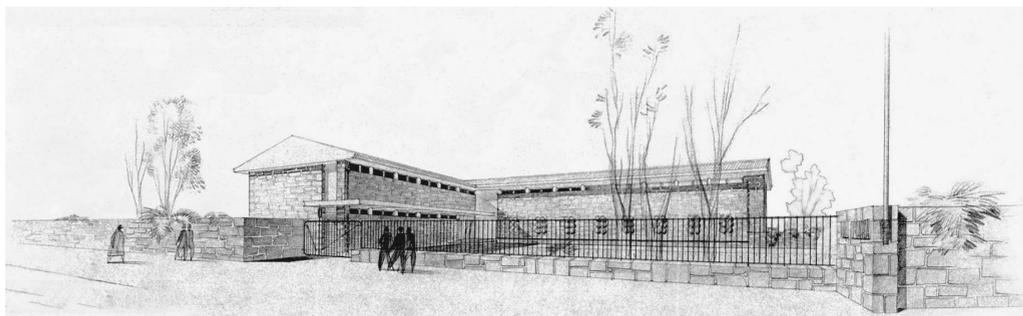


NOTA BREVE

A brochura, que ora se apresenta, não passa de um conjunto de notas, sobre a Estação Agrária de Viseu, coligidas a propósito da comemoração dos seus 75 anos de existência. Se, por razões de forma e/ou conteúdo, outro mérito lhe não for atribuído, sobralhe, pelo menos, o facto de assinalar uma data bem representativa de um longo e audacioso existir, se olhado à luz da sua localização geográfica, numa região interior, algo desfavorecida, onde os ecos da ribalta, se chegavam, vinham já falhos de vigor e gorados de determinação.

Não se trata, pois, de um trabalho exaustivo de concepção e pesquisa. Apenas umas pinceladas, ao de leve, como que um reavivar de memória, para o que contribuíram os textos soltos, escritos para o efeito, e publicitados no site da Direcção Regional de Agricultura e Pescas da Região Centro. Alguns trechos foram simplesmente transcritos, sem qualquer alteração; noutros fizeram-se pequenos ajustes. De resto, recorreu-se aos documentos possíveis, em arquivo.

Espera-se que este breve relance sobre a vida fecunda desta Instituição, imprima um expressivo desejo de reconhecimento e valorização do seu trabalho, realizado no passado e no presente e, ao mesmo tempo, estimule a firmeza de vontade, para que ela possa prosseguir a sua acção futura, colocando todas as suas potencialidades ao serviço da região, ainda que, escorada em novas ideias, outros meios e numa realidade diferente



PARABÉNS

Está de parabéns a cidade de Viseu e respectiva região agrária por ter sabido albergar, no seu seio, durante todos estes anos, tão ilustre anciã - a prestigiada Estação Agrária de Viseu.

Estão de parabéns os Homens e as Mulheres que, em todas as épocas, seja como dirigentes, técnicos, administrativos, ou como trabalhadores dos mais diversos sectores, lhe deram corpo e lhe emprestaram a alma que transcende as vicissitudes do espaço e do tempo.

Acima de tudo, estão de parabéns os agricultores que, sob a égide da sua acção inovadora, cresceram em profissionalismo, em especialização, em dignidade, trocando as velhas ideias de auto-subsistência por uma mentalidade nova, mais empresarial, capazes de assumir os arrojados desafios, que ora se põem à nossa difícil agricultura. Foi por eles e para eles que a Estação Agrária de Viseu desenvolveu a sua actividade ao longo destes 75 anos de vida, os quais se podem somar a mais 50, sob outras designações, perfazendo a invulgar idade de 125 anos.

Que motivo mais prestigioso e de legítimo regozijo nos seria dado festejar?

ORIGEM E HISTÓRIA

Com a publicação, em 16 de Novembro de 1936, no então Diário do Governo, do Decreto-Lei n.º 27:207, o Ministério da Agricultura iniciava uma ampla reforma das suas estruturas, com o objectivo supremo, conforme ali se pode ler, de "(...) tornar o Ministério da Agricultura no instrumento de progresso de que o País carece(...)".

Para além de um conjunto de reformas das instituições existentes, nomeadamente a nível central, aquele diploma pretendia descentralizar alguns serviços e concretizar a divisão do país em regiões, "(...) tendo em conta a sua feição agrícola, as facilidades de transporte e outros factores (...)", criando, para tal, quinze regiões, que seriam dotadas de "Estações Agrárias", cujas funções principais passariam por "executar planos de fomento e assistência técnica; proceder a estudos, ensaios, experimentação e demonstração de culturas; contribuir para a formação profissional dos trabalhadores da região e responder a consultas".

Não obstante aquele desiderato, e provavelmente por razões de ordem económica, cuja existência o legislador já referia no preâmbulo do decreto, o certo é que, no imediato, só passaram a existir duas estações agrárias: a do Porto, correspondente à II Região Agrícola, e que, aliás, já possuía essa designação na estrutura anterior, e a de Viseu, referente à VI Região Agrícola, gerada a partir da transformação do Posto Agrário, que havia sido criado em 1913.

Apesar de a Estação Agrária de Viseu (EAV) ter existência, como tal, só a partir de 1936, as instituições agrícolas que a antecederam remontam a data anterior a 1886, que, naturalmente, se foram adaptando aos novos tempos e aos novos rumos que aqueles iam impondo.

Com base na existente Quinta Regional, surgiu, em 1886, a Escola Prática de Agricultura que, por sua vez, deu lugar, em 1900, à Estação de Fomento Agrícola da Beira Alta, funcionando esta até 1913. Nesta data, passou a Posto Agrário (vulgarmente conhecido por Quinta do Governo), designação que manteve até 1932, a que se seguiu um período de quatro anos sem denominação específica, até finalmente ser reconvertido em Estação Agrária, que conservou a sua autonomia até 1976.

Em 1979, com a criação das Direcções Regionais de Agricultura e respectivas Sub-Regiões Agrárias, a EAV foi então incorporada na Sub-Região Agrária de Viseu, como Divisão

de Extensão Rural e Produção Agrícola, dependendo hierárquica e funcionalmente da Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral (DRABL).

Em 1986, foi extinta a Sub-Região e a EAV, sob a designação de Unidade Experimental da Estação Agrária, foi integrada na Direcção de Serviços de Experimentação e Fomento da Produção Agro-Pecuária, da DRABL.

Em 1993, mercê de nova Lei Orgânica do Ministério da Agricultura e Pescas, a EAV tomou a designação de Centro Experimental de Fruticultura (CEF), constituindo uma das duas Divisões da Direcção de Serviços de Experimentação, da DRABL, sediada em Viseu.

Em 1997, ao ser extinta a Direcção de Serviços de Experimentação e respectivas Divisões retomou-se a designação Estação Agrária, agora integrada na Divisão de Produção Agrícola, com sede em Coimbra.

Na Lei Orgânica do MADRP, de 2007, a Estação Agrária de Viseu, como unidade experimental, passou a pertencer à Divisão de Produção Agrícola e Pescas da Direcção de Serviços de Agricultura e Pescas, da Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC), sediada em Castelo Branco. O seu espaço físico integra um conjunto de serviços operativos no âmbito das Direcções de Serviços de Planeamento e Controlo, Apoio e Gestão de Recursos, Inovação e Competitividade, e Valorização Ambiental e Apoio à Sustentabilidade, daquela Direcção Regional de Agricultura.

LOCALIZAÇÃO E PATRIMÓNIO

A Estação Agrária de Viseu situa-se no lado este da cidade de Viseu. Administrativamente reparte-se pelas freguesias de Santa Maria, onde se encontra a sede, e S. José. Quando foi criada, herdou do existente Posto Agrário uma área total de cerca de 30 hectares, distribuídos por duas quintas, ladeando a actual Avenida Prof. Reinaldo Cardoso:

- A Quinta Norte, também chamada "Quinta do Castanheiro dos Amores", situada na margem esquerda do rio Pavia, considerada desde sempre, património da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas. Durante os anos 40, por compra a particulares de pequenas parcelas adjacentes, alargou um pouco mais a sua área, na direcção do Pontão do Raposo.

- Do lado Sul, a Quinta do Fontelo, correntemente designada Quinta Sul, foi até 1911, património do Bispado de Viseu e cedida pelo Decreto N° 519, de Maio de 1914, a

título de arrendamento, ao Ministério do Fomento - Direcção Geral da Agricultura, para aí se estabelecer um Posto Zotécnico para gado bovino e cavalar, que passou a fazer parte do Posto Agrário, em 1923.

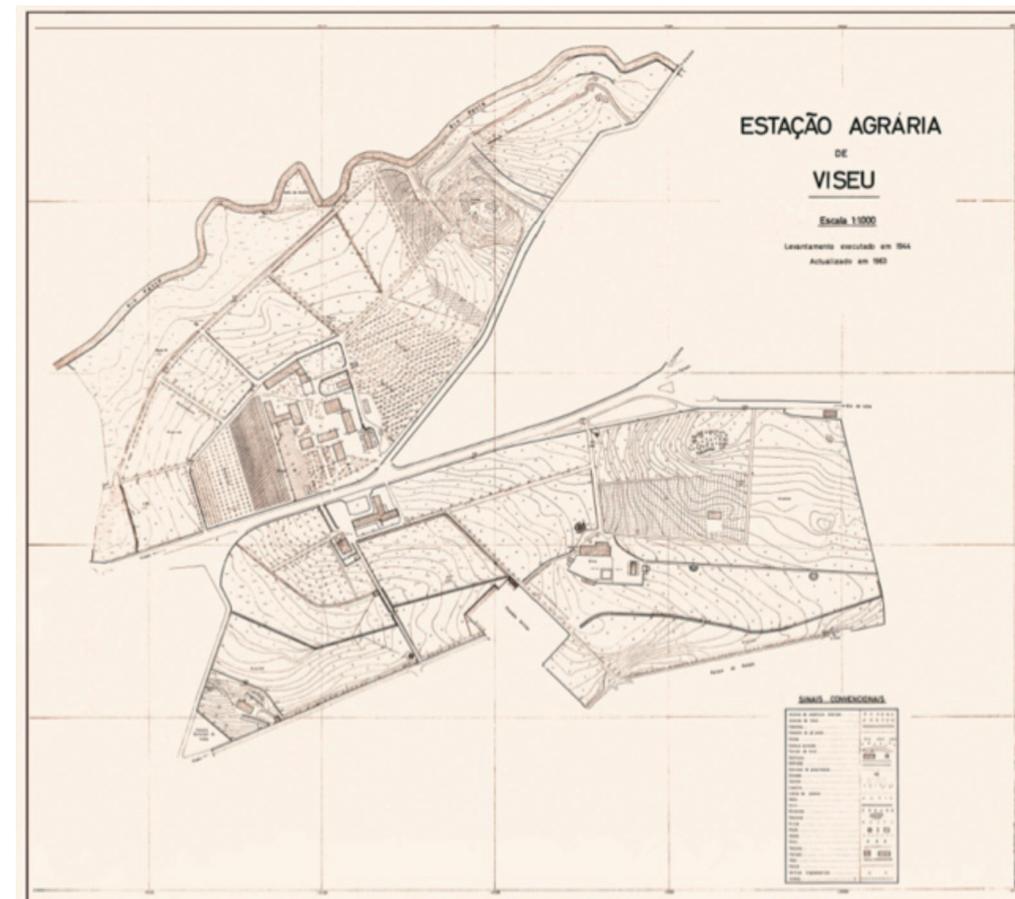


Fig. 1. Planta topográfica da área total (32,2 ha) ocupada pela exploração agrícola da Estação Agrária de Viseu - planta de 1963, a partir de um levantamento feito em 1944.



Fig. 2. Vista aérea da área actualmente ocupada pela Estação Agrária de Viseu.

Além deste território, a Estação Agrária possui ainda um pinhal, na freguesia de Repeses que, até final dos anos 80, refira-se a título de curiosidade, teve um guarda encarregado da sua vigilância.

Periférica e um tanto distante do coração da cidade, a EAV usufruiu de convivência pacífica, durante muitos anos. Porém, em fins dos anos 80 e início da década de 90, quando a cidade procurava consolidar a sua crescente urbanidade, entrando num processo de grande expansão física, a EAV viu-se obrigada a acatar essa realidade, cedendo, à urbe, algumas áreas afectas à experimentação.

Assim, em 1988, foram cedidos à Câmara Municipal de Viseu 4,2 ha de terrenos adjacentes ao Antigo Paço Episcopal do Fontelo (actual Solar do Vinho do Dão). Ainda nesse mesmo ano foram retirados mais 2,8 ha para construção da Estrada de Circunvalação e instalação de um complexo desportivo, disponibilizando a Câmara Municipal de Viseu a restante área para a realização da feira semanal.

Em terreno da EAV (0,7 ha) havia já sido construído o Centro de Formação Profissional de Agricultores de Viseu (1987-88), o qual foi cedido posteriormente à Fenafrutas (Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Horto-Fruticultores) e, em 1990, foi solicitada, por esta entidade, a cedência de mais uma parcela de terreno adjacente ao Centro, o que lhe foi concedido.

Com o protocolo estabelecido em 1990 entre o Estado, o Instituto da Juventude e a Câmara Municipal de Viseu, esta última instituição deu início a um plano de ocupação de terrenos da EA que vem concretizando, consoante as necessidades, posição que foi objecto de controvérsia por parte de algumas forças vivas locais, por pôr em causa a importância e os interesses da agricultura da região. A imprensa dessa altura fez eco do facto, conforme mostram pequenos excertos de artigos publicados em alguns jornais da cidade:

"(...) Todavia, o pão, as frutas, o vinho, o azeite, as hortaliças não nascem nas auto-estradas, nas ruas, nos telhados das casas, nos campos de futebol, nas pistas de atletismo. A inutilização sistemática e progressiva dos solos com aptidão agrícola representa uma grave ameaça à economia do país e à própria sobrevivência das gerações futuras... A urbanização dos terrenos da EAV é mais um passo dado nesta caminhada de cegos ou de loucos, péssimos intérpretes do verdadeiro progresso com rumo ao abismo. Terrível é o fenómeno ter extensão mundial. (Miudezas Municipais, por A. de Meneses - Notícias de Viseu de 24/06/1990).

Meses depois, o Jornal da Beira publica um longo artigo sobre a EAV, repartido por quatro semanas, intitulado "Fontelo ontem e hoje. E amanhã?", onde se lê:

"(...) A Estação Agrária de Viseu é um bem de que a agricultura da nossa região não pode prescindir... A supressão naquele local da EAV pode trazer benefícios para algumas entidades, mas prejudicará, de modo irremediável todo o concelho e região porque ficam privados em local amplo e acessível, de um serviço vital para a economia predominantemente agrária de todo este interior beirão... Ninguém se alimenta de tecnologia e urbanismo, mas sim daquilo que a terra, servida por métodos cada vez mais apurados produz e oferece ao homem. Será, pois, bom que os interesses vitais não sejam sacrificados a conveniências deveras discutíveis. (O Fontelo ontem e hoje. E amanhã? - J. da Beira, 8/11/1990).

Na sua génese, a exploração agrícola, dispondo de uma superfície agrícola útil

(SAU) de 25,5 ha, formava um todo, com dimensão ajustada ao desempenho das atribuições que lhe haviam sido conferidas. Além disso, era dotada, sob o ponto de vista pedológico, de solos representativos dos encontrados na região. Logo, os resultados da experimentação neles efectuada poder-se-iam extrapolar, sem reserva, para outras zonas.

Hoje, subtraídas as áreas atrás mencionadas, outras que foram posteriormente ocupadas e, a recentemente utilizada para beneficiação de um troço da estrada 229, a Superfície Agrícola Útil (SAU) com que a EAV pode contar para prosseguir as suas tarefas no domínio da experimentação, reduz-se a cerca de 18 ha.

• Edifícios e construções

O edifício sede da EAV foi projectado em 1950, pelo Arquitecto Keil do Amaral, tendo a sua construção sido concluída em 1953 e lavrado auto de cessão em Março de 1954. Sustentado por duro granito, fazendo jus ao conceito de ruralidade que lhe é subjacente e à tenacidade do espírito que lhe dá vida, é um edifício simples, mas bonito e insere-se de forma muito harmoniosa na matriz campesina que o envolve.

Nos anos 30, a sede dos serviços esteve instalada num edifício da Quinta Norte, que posteriormente alojou inúmeros outros serviços, sendo, um dos últimos, o sector de Avicultura, da Divisão de Apoio à Produção, Higiene e Sanidade Animal, da DRABL. Mais tarde, a sede transferiu-se para a Quinta Sul, ocupando a antiga casa do director, edifício que veio também a ser habitado por diversos serviços, entre eles, os Serviços de Extensão Rural, o Agrupamento de Zonas Agrárias, a seguir e, recentemente, os serviços da Divisão de Controle.

Quanto às construções que faziam parte do assento de lavoura, mantiveram, até sensivelmente meados da década de 90, a utilização original para que haviam sido concebidas, com excepção da adega, pocilga e fruteiro, que foram desactivadas da sua primitiva funcionalidade.

Porém, durante os últimos anos da década de 90 e primeira década de 2000, parte daquelas construções foram reconstruídas, para poderem acolher alguns serviços operativos da DRABL.



Fig. 3. a) Alçado norte do Edifício sede da EAV, 1955; b) Entrada da Estação Agrária, na Q. Sul, 1955; c) Entrada na Q. Norte, 1943; d) Jardim da Quinta Norte, 1943; e) Lagar, adega e silo metálico, 1943; f) Pocilgas, 1943; g) Posto meteorológico, 1935; h) Espigueiro, 1943; i) Silo vertical, 1938.

DIRECTORES

Desde a sua criação até 1986, data em que foi extinta na qualidade de Sub-Região Agrária de Viseu, a Estação Agrária foi regida por quatro ilustres directores (Fig. 4), cujo retrato como técnicos e dirigentes foi, inevitavelmente, o resultado da sua personalidade e das circunstâncias inerentes a cada tempo.

Contudo, a conquista do bem-estar social para a região e o forte desejo de modernização da agricultura portuguesa constituíram a inspiração comum que a todos tangeu, acrescida de uma modelar integridade moral e um extraordinário espírito de missão que, por vezes, se traduzia em enorme austeridade, não só para si próprios, como para todos aqueles que trabalhavam sob a sua direcção. Na memória de alguns, ressoam ainda ecos de episódios ocorridos no tempo do Eng.º Monteiro do Amaral, que explicitam a sua invulgar exigência no escrupuloso cumprimento da ordem estabelecida, tanto dentro como fora do local de trabalho.

Foi, todavia, essa cultura de rigor, de sério trabalho técnico, de grande saber e conhecimento científico aplicado, empreendida sob o signo do respeito e da elevação, que edificou a auréola de prestígio nacional que sempre pairou sobre a EAV.



Fig. 4. Directores da EAV (1936 - 1987) - Eng.º Agrónomo Honoré Reis Marques da Cunha, de 1934 a 1941; Eng.º Agrónomo António Augusto Monteiro do Amaral, de 1941 a 1962; Eng.º Agrónomo Messias B. Amaral Fuschini, de 1962 a 1965; Eng.º Agrónomo Norberto Cardoso de Menezes, de 1965 a 1987 (Director da EAV: 1965- 1977; Director da Sub-Região Agrária: 1978 - Jan. 1987).

O último dos quatro directores, Eng.º Norberto Cardoso de Menezes, esteve ao serviço da EAV durante 42 anos, desenvolvendo a sua carreira profissional desde 1948 a 1990, data em que se aposentou por limite de idade. Da sua brilhante actividade como técnico e cientista, ressalta o extraordinário trabalho de melhoramento do milho, conduzido durante vários anos com grande disciplina e dedicação, que culminou na criação dos afamados híbridos de Viseu, os quais foram rapidamente difundidos pela lavoura regional e nacional.

QUADRO DE PESSOAL

Em 1938, segundo foto da época, o quadro do pessoal da EAV era constituído por cerca de 13 funcionários, distribuídos por técnicos, administrativos e guardas, além do pessoal rural, afecto ao trabalho de campo.

Em 1956, o número de funcionários era ligeiramente superior: 4 engenheiros agrónomos, 7 regentes agrícolas, um prático agrícola, um capataz, um 1º oficial e 3 escriturários. O pessoal de campo era recrutado à jorna. Cerca de vinte anos mais tarde, o quadro de pessoal constava de: 5 engenheiros agrónomos, 14 engenheiros técnicos agrários, 8 administrativos, um condutor de automóveis e 10 auxiliares. O pessoal afecto ao campo e à vacaria continuava a ser recrutado à jorna. Já em 1985, estavam afectos à experimentação: 9 técnicos superiores, 5 engenheiros técnicos agrários, 3 agentes técnicos, um fiel de armazém, dois capatazes, 3 tractoristas e 19 trabalhadores rurais (campo e vacaria). Actualmente, o corpo técnico é constituído por nove técnicos superiores, um operador de máquinas agrícolas e seis auxiliares agrícolas.

A SUA ACÇÃO ATRAVÉS DOS ANOS

Segundo o articulado do nº 76 do Decreto-Lei 27207, a Estação Agrária de Viseu dispunha de duas secções: uma dedicada a estudos, ensaios e experimentação e outra a fomento e a assistência técnica.

1. Estudos, ensaios e experimentação

Em obediência a esta filosofia, a experimentação tem sido constante ao longo do tempo e uma das mais nobres actividades realizadas na EAV, pois, todos os produtos da investigação agrária têm de ser testados no campo, a fim de se comprovar a sua eficácia prática, antes de serem divulgados e lançados na agricultura. Por sua vez, é com base na investigação aplicada que os próprios técnicos adquirem conhecimentos que irão servir a agricultura e o agricultor.

Visando tais objectivos, e procurando dar resposta eficaz às exigências surgidas em cada tempo, um vasto número de ensaios e estudos tem sido levado a cabo nos mais variados domínios, com enorme repercussão económica e social na agricultura regional e nacional.

1.1 Culturas arvenses

Em 1936, dando continuidade a linhas de trabalho que possivelmente estavam em curso no Posto Experimental, já se faziam campos experimentais e campos de demonstração de trigo, centeio, cevada, milho, batata e forragens, culturas que eram próprias à região. Porém, a necessidade de melhorar as condições de alimentação humana e de aumentar o rendimento económico das explorações impunha a busca de novas variedades, com maior capacidade produtiva e de melhores características qualitativas, de modo a alargar o leque de alternativas disponíveis para as diversas condições.

Anos mais tarde, talvez devido a um refinamento da metodologia de experimentação, fruto do avanço da mecanização e dos meios de trabalho, a experimentação de novas variedades passou a ser efectuada primeiramente em ensaios de campo, em pequenos talhões com repetições, como demonstram as figuras 5a e 5b, de 1948, relativas à instalação de ensaios de trigos híbridos e, só depois, se seguiam campos de experimentação e/ou demonstração. Desde os anos 50 até aos anos 80, vários ensaios de adaptação de variedades de trigo, umas fornecidas pela Estação Nacional de Melhoramento de Plantas de Elvas (ENMP), outras, de origem italiana, fornecidas pela Federação Nacional de Produtores de Trigo (FNPT), e ainda de outras proveniências, foram levados a efeito nos campos da EAV.

Diversas cultivares de triticale, uma nova espécie de cereal (Híbrido de Trigo X Centeio), foram também estudadas, nos anos 80, em ensaios sucessivos e, com o apoio dos Serviços de Extensão Rural (SER), instalados campos de demonstração em zonas mais desfavorecidas, habitualmente destinadas à cultura do centeio.

Menção especial deve ser feita ao trabalho de melhoramento do milho, realizado pelo Núcleo de Melhoramento do Milho da EAV que, comportando uma forte componente de investigação científica, foi muito além das supostas atribuições experimentais de uma Estação Agrária. Foi seu propulsor o Eng.º Agrónomo Cardoso de Menezes e teve início em 1948, com o propósito de elevar as baixíssimas produções nacionais obtidas nesta cultura, como medida plausível de combate à fome que grassava por todo o território, especialmente nas zonas interiores do país, após o termo da II Guerra Mundial.

A EAV foi pioneira nesta linha de investigação, desenvolvida em etapas sucessivas, durante vários anos, requerendo grande esforço e rigor, a somar a uma disciplina de trabalho extrema, dela resultando os Híbridos de Viseu (HV), adaptados às condições edafoclimáticas da região e de outras com idênticas características.

Destes híbridos, chegaram à lavoura nacional 168 t de semente de dez híbridos de grão branco e 87 t de oito híbridos de grão amarelo, cujas produções eram quatro a cinco vezes superiores às do milho regional. E, segundo o pensamento do Eng.º Cardoso de Menezes, *muito contribuiu para vencer barreiras do tradicionalismo das nossas populações rurais, face ao apego ancestral às culturas que praticavam.*

Em 1988, deu-se por terminada esta actividade e o património genético existente na EAV, constituído por 113 linhas puras estabilizadas de milho branco e milho amarelo, foi enviado para o Banco de Germoplasma do Núcleo de Melhoramento de Milho (NUMI) - INIA, em Braga.

Paralelamente ao bem-estar do homem, também a eficiente alimentação e bem-estar dos animais, principalmente dos ruminantes, foi um dos objectivos de trabalho da EAV, levando ao estudo e introdução de espécies forrageiras e pratenses, capazes de suprir o baixo valor nutritivo das ferrãs e ervas-de-lima, então cultivadas e, ao mesmo tempo, cobrir as necessidades alimentares dos gados ao longo de todo o ano, especialmente nos períodos de maiores carências nutricionais.

Durante os anos 50, foram instalados, em agricultores da região, campos de demonstração de espécies forrageiras e pratenses, designadamente luzerna, trevo violeta, trevo branco, trevo híbrido, fazendo-se também o estudo da possibilidade de produção de semente, deste último, para utilização nas próprias explorações.

Variados métodos de ensilagem, utilizando rama de batata com trevo violeta, trevo violeta com vários produtos, milho e, mais tarde, beterraba forrageira foram sendo ensaiados para aproveitamento e valorização de subprodutos, através desta tecnologia.

A partir dos anos 60, na sequência do Plano de Fomento Pecuário, da Secretaria de Estado da Agricultura, deu-se início ao estudo de adaptação de uma imensa série de espécies, abrangendo leguminosas e gramíneas anuais e perenes, tais como trevos (violeta, branco, encarnado, morango, subterrâneo, alexandrino e resupinato), ervilhacas (*villosa*, *sativa* e *macrocarpa*), látiro, luzerna, serradela, tremocilha, grão-de-bico forrageiro, sorgo para grão e forragem, azevéns anuais e perenes, festuca, dátilo, aveia, cevada, etc., estremes ou em misturas, bem como outras espécies forrageiras, nomeadamente nabo, couve, beterraba e outras.

De forma gradual, muitas delas foram sendo introduzidas na região, através de campos



Fig. 5. a) e b) Ensaios de trigos híbridos, folha 9 Sul, 1948; c) Corte de feno por junta de bois arouqueses (Catita e Antiga), 1955; d) Ensaio de milho híbrido, de sequeiro, 1949.

de demonstração de pastagens e forragens que, durante os anos 80 tiveram uma forte implantação na maioria dos concelhos situados na área de influência da EAV, com o PROCALFER (Programa de Calagem e Fertilização do Solo), levado a cabo com extraordinária determinação pelos Serviços de Extensão Rural (SER).

Em 1981, surgiu a Rede Nacional de Ensaios, linha de trabalho que adveio, como

imposição legal, do facto de Portugal estar inserido na CEE, e muitas das espécies referidas continuaram a ser experimentadas, visando-se o estudo do seu valor agronómico e de utilização. A finalidade principal desta rede de ensaios era a inscrição daquelas espécies no Catálogo Nacional de Variedades, permitindo simultaneamente a crivagem de algumas de maior interesse para a região. Alguns anos depois, a RNE regional passou a incluir a cultura da batata e um largo número de variedades de milho da classe FAO, dos ciclos 200, 300 e 400, sendo esta a principal cultura que, no presente, a constitui.

Outras espécies destinadas à indústria, tais como cânhamo, girassol, lúpulo, tremçoço branco, soja, tabaco, linho e culturas medicinais aromáticas e condimentares, se têm procurado estudar, através de ensaios de sondagem, na hipótese de estas culturas poderem vir a constituir uma válida alternativa de utilização e, desse modo, complementarem o rendimento das explorações.



Fig. 6. a) Ensaio de monda química no trigo, com testemunha à esquerda, 1939; b) Ensaio de batata, 1955; c) Ensaio de germinação de milhos híbridos; d) Ensaio de tabaco, 1976.

No âmbito das técnicas culturais, em 1956, ensaiou-se pela primeira vez, na cultura do milho, o efeito herbicida e fertilizante da cianamida cálcica. Levaram-se a efeito muitos outros ensaios com diferentes herbicidas, no sentido de encontrar os mais eficazes para combate às infestantes da batata, dos viveiros de fruteiras, de pomares, da vinha, etc.

No sector animal, foram também vários os estudos da composição química do leite de vaca aroquesa, que tinham por objectivo o fabrico de um tipo específico de queijo. Alguns estudos económicos, efectuados durante os anos 70, permitiram a determinação do preço de custo da carne de bovino.

Por sua vez, quando os trabalhos agrícolas passaram a ser mais mecanizados, os bois de trabalho até então existentes, foram substituídos por um núcleo de vacas leiteiras, núcleo este que se manteve até 1996. Nele se procedia ao registo individual das produções diárias, com vista à determinação do rendimento e à análise económica do preço de custo do leite, ao mesmo tempo que se avaliava o efeito da quantidade e da qualidade de determinados alimentos na composição do mesmo.

Todo este trabalho, nomeadamente o efectuado na área das culturas arvenses e das pastagens e forragens, teve reflexos favoráveis na economia da região, ao conduzir os agricultores à adopção de técnicas culturais mais evoluídas, proporcionando produções bastante mais elevadas e de melhor qualidade, que valorizaram progressivamente o seu nível social e económico.

Com o incremento das potencialidades pratenses e forrageiras, verificou-se a transformação total das condições de alimentação animal, o que permitiu reconverter muitas zonas de pecuária extensiva em zonas de criação de bovinos de leite. Paralelamente, a melhoria generalizada das pastagens para ovinos permitiu também alargar a área de criação de ovinos produtores de leite, para queijo "Serra da Estrela".

1.2 Fruticultura

Uma vez que as condições edafo-climáticas da região eram bastante favoráveis para a produção de fruta de qualidade, a fruticultura encontrou também, desde sempre, na experimentação da EAV, um lugar de eleição, bem visível no modelar cuidado e carinho com que os campos experimentais de macieiras, pereiras, pessegueiros e cerejeiras eram mantidos, para o estudo das espécies, variedades e porta-enxertos, e também das técnicas de protecção fitossanitária, monda química e fertilização, que lhe eram inerentes.

Esse facto levou a que, em 1938, a Estação Agrária constituísse palco de veras propício para a realização das célebres Conferências Pomológicas, com a presença e colaboração do insigne Prof. Vieira Natividade e a participação de técnicos de várias regiões do país, autêntico ponto de partida para a actividade frutícola profissionalizada, que prosseguiu pela década de 40.

A segunda campanha de fomento frutícola, decorrente do Plano de Fomento da Fruticultura, da Secretaria de Estado da Agricultura, que visava não só o fomento da macieira, como o da pereira, pessegueiro, citrinos, cerejeira, damasqueiro e ameixeira, desenvolveu-se de 1962 a 1970 e anos subsequentes, e foi talvez a principal, a nível do país e da região, por ter proporcionado à fruticultura aquele impulso de expansão e de modernidade que se exigia.

A EAV teve, então, um papel preponderante na evolução de todo o processo a nível regional, especialmente no apoio à instalação e posterior acompanhamento de pomares intensivos de macieiras, na medida em que, neste sector, já estava apetrechada de uma consistente base de conhecimentos técnicos que se estendia à escolha das melhores variedades e à sua protecção fitossanitária.

Por outro lado, as suas estruturas e a existência de pessoal perfeitamente adestrado nas técnicas de produção de viveiros, em particular nos métodos de enxertia, permitiam-lhe também fazer a multiplicação de material vegetativo, plantas e garfos, com garantia varietal e sanitária, colmatando, em parte, a insuficiência de material produzido pelos viveiristas locais.



Fig. 7. Produção e embalagem de macieiras nos viveiros da EAV nos anos 60.

A experimentação no âmbito da fruticultura, nomeadamente na macieira, tem sido permanente ao longo do tempo, intensificando-se significativamente nos últimos anos, devido ao desenvolvimento de projectos de investigação e desenvolvimento e às parcerias estabelecidas com outros Organismos.



Fig. 8. Algumas das novas variedades de maçã em ensaio na EAV

Porém, a actividade experimental não se limitou às espécies referidas, estendendo-se aos frutos secos, aos pequenos frutos e à oliveira.

Em relação aos frutos secos, é de realçar o trabalho conduzido na aveleira, que muito contribuiu para a sua difusão, durante os anos 80, continuando em curso um ensaio com 15 variedades, em que, ultimamente, se têm efectuado diversos estudos, em colaboração com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.



Fig. 9. Algumas das variedades de avelã em ensaio na EAV.

Mais recentemente, entre 1996-1998, foi instalada uma colecção de variedades portuguesas de castanheiro, que, de 2004 a 2006, serviu de base à caracterização nutricional, fenotípica, tecnológica e molecular de variedades tradicionais portuguesas

de castanha, tendo em vista a valorização e preservação da biodiversidade de variedades existentes nas regiões Centro e Norte de Portugal.



Fig. 10. Algumas das variedades de castanha em ensaio na EAV.

Os pequenos frutos, tais como morango, framboesa, groselha e mirtilo foram também objecto de estudo por parte do sector de horticultura, paralelamente a muitas outras espécies hortícolas, em estufa e ar livre, como melão, tomate, pimento, etc., com efeito muito favorável a nível da horticultura local.

Quanto à oliveira, não é menosprezável o trabalho que lhe tem sido dedicado, inicialmente mais concentrado nas áreas da protecção sanitária e nutrição mineral. Esta espécie teve o seu primeiro ensaio na EAV nos anos 50, para estudo de variedades e técnicas de enxertia e poda.



Fig. 11. Algumas das variedades de azeitona em ensaio na EAV

Em 1996, reactivou-se esta linha de trabalho, instalando-se outra colecção para estudo de adaptação e comportamento de variedades e, desde essa data, devido ao facto de vários aspectos da cultura terem suscitado maior atenção, tem prosseguido a implantação sucessiva de colecções de diferentes variedades de oliveira, de acordo com o objectivo de estudo.



Fig. 12. a) Curso de podadores, 1936; b) Curso de capatazes fitossanitários, 1956; c) Pereira em espaldeira, 1940; d) Resultado de ensaio fitossanitário, 1950.

1.3 Vitivinicultura

A vitivinicultura é uma actividade de reconhecida importância, pela grande quota-parte na economia da região. Por esse facto, o sector reteve, desde praticamente a criação da EAV, uma fatia considerável da experimentação regional, indo da adaptação de porta-enxertos, comportamento de castas tradicionais, estudos ampelográficos, estudo enológico dos mostos e dos vinhos produzidos, até à produção de material vegetativo para fornecimento aos vitivincultores.

Inicialmente, os estudos eram efectuados nos ensaios da EAV e em vinhas da região. Em 1946, com o objectivo de fomentar, de forma mais eficiente, os estudos relativos à vinha e ao vinho do Dão, foi adquirida a Quinta da Cale, em Nelas, hoje Centro de Estudos Vitivinícolas do Dão. Portanto, a partir desta data, a maior parte da experimentação passou a ser realizada nesta unidade.

Em 1958, a Quinta da Cale adquire autonomia, separando-se hierarquicamente da EAV, que deixou de superintender na matéria, como seria óbvio, prosseguindo, no entanto, com alguns estudos e com o trabalho do plantio da vinha, este, até à década de 90.

1.4 Fitossanidade

A protecção das culturas contra as principais pragas e doenças tem sido preocupação de todos os tempos. Por isso, no elenco de actividades realizadas pela EAV, a fitossanidade é uma constante, desde o início. Dirigida fundamentalmente para o pomar, vinha (bichado, pedrado, míldio, oídio, etc.) e pragas do solo, continua a envolver múltiplas componentes de estudo, umas relativas à complexa biologia dos agentes patogénicos, outras relacionadas com a natureza dos fitofármacos disponíveis, outras ainda inerentes às respectivas técnicas de aplicação, visando obter a melhor eficácia.

De forma a acompanhar a evolução técnica e a necessidade de, atempadamente, informar os agricultores, em face da crescente importância que aquelas culturas passaram a deter na região, foi instalada em 1977, a Estação de Avisos do Dão que, com base nos elementos recolhidos nos postos de observação, passou a emitir avisos regulares, primeiro por via postal e, mais recentemente, também por SMS, destinados ao aconselhamento sobre as formas e métodos mais eficazes de combate às pragas e doenças das vinhas, macieiras e olival.

De início, a Estação de Avisos do Dão enquadrava-se hierarquicamente na estrutura orgânica da Estação Agrária. Actualmente, encontra-se enquadrada noutra estrutura orgânica - Divisão de Protecção e Qualidade da Produção. Todavia, a sua actividade

experimental entrosa-se, perfeitamente na restante experimentação da EAV, complementando-a de forma eficaz e coerente.

1.5 Conservação do solo e fertilização

A capacidade produtiva da terra é um capital donde se não deve gastar mais do que o juro, sob pena de aniquilar a riqueza (Dias Leitão, in Proteja-se a Terra, A. da Agricultura, 1962). Este mesmo conceito havia já despertado a sensibilidade para a necessidade de proteger a terra, quando em 1951, se conduziram, nos terrenos da EAV, os primeiros ensaios de mobilização mínima, com a cultura do azevém.

A par de grande número de estudos de fertilização e calagem, efectuados em várias épocas, no sentido de elevar o pH do solo e conservar e/ou melhorar as suas características físicas e químicas, destaca-se a extraordinária duração de 32 anos, de dois ensaios permanentes, um de fertilização e outro de calagem, ambos instalados em 1959, em colaboração com Laboratório Químico Agrícola Rebelo da Silva (LQARS). Foram considerados os mais antigos e os de maior duração no país, visto que se repetiram sequencialmente por mais de três décadas, envolvendo o primeiro, a rotação milho-grão X cereais praganosos (centeio, aveia, triticales, etc.); o segundo foi feito com a rotação trevo violeta X milho.

Em 1988, também em colaboração com o LQARS e a Estação Nacional de Fruticultura Vieira Natividade, procedeu-se à instalação de dois ensaios de nutrição e fertilização, um de macieiras e outro de aveleiras, com duração prevista de 25 anos.

Todo este conjunto de acções e outras, não aqui mencionadas, constituíram um valioso contributo para o aperfeiçoamento das normas de fertilização em várias culturas e sistemas culturais.

1.6 Experimentação presentemente em curso

Por força das alterações decorrentes do êxodo rural e da entrada de Portugal na União Europeia, assistimos nos últimos anos a uma diminuição do tecido empresarial agrícola e à tendência para a especialização das explorações agrícolas sobreviventes. Perante este cenário e porque os meios humanos e materiais foram reduzidos, as funções experimentais mereceram, também, uma reorientação, tendo sido direccionadas para as culturas da macieira, aveleira, oliveira e castanheiro, com a particularidade de

serem praticadas em modo de produção integrada e em modo de produção biológico, que, no caso das macieiras tem por base as variedades regionais.

Assim, as linhas de trabalho que decorrem actualmente na EA são as que a seguir se enumeram:

- Selecção clonal da macieira Bravo de Esmolfe: de 149 clones utilizados no início dos trabalhos, foram já seleccionados oito, que se evidenciaram tanto em termos produtivos, como nas características dos frutos.
- Incremento da qualidade e valorização da maçã Bravo de Esmolfe: ensaios de adaptação a diferentes porta-enxertos e condições de conservação.
- Preservação e valorização de variedades regionais de pomóideas - A Estação Agrária de Viseu alberga a maior colecção de variedades regionais de macieira do país.
- Valorização de variedades regionais de macieiras em modo de produção biológico.
- Monda química de frutos em macieiras da variedade Gala, Fuji, Golden e Bravo.
- Metodologias de controlo do pedrado da macieira.
- Confusão sexual no combate ao bichado da macieira.
- Determinação do somatório de temperaturas para a Cochonilha de S. José.
- Meios de luta alternativos à luta química contra a mosca da fruta e mosca da azeitona.
- Avaliação do comportamento de “novas” variedades de macieira, em pomares intensivos e submetidos a novas formas de poda e condução.
- Avaliação de resultados da aplicação de caulino e utilização de rede de sombreamento, no combate ao escaldão em macieiras da variedade Fuji.
- Avaliação dos resultados da utilização do Madex, integrado num esquema de luta química no controlo do bichado.
- Avaliação dos resultados da utilização do Madex no controlo do bichado, em pomar de macieiras em MPB.
- Estudo de variedades de aveleiras.
- Valorização e preservação da biodiversidade de variedades de castanhas na Região Centro e Norte de Portugal, em modo de produção biológico.
- Estudo da adaptação e comportamento de variedades de oliveiras (Galega, Cobrançosa, Arbequina, Picoal).

- Campo de observação de variedades de oliveira submetidas a modo de produção biológico.
- Olival demonstrativo de técnicas de produção integrada.
- Campo de demonstração da oliveira explorada sob a forma intensiva.
- Demonstração de técnicas de reenxertia do olival.
- Ensaio de milhos híbridos FAO ciclo 200, 300 e 400, da Rede Nacional de Ensaios-
- Espécies forrageiras e pratenses anuais e perenes, da Rede Nacional de Ensaios.



Fig. 13. Algumas variedades regionais de maçã em ensaio na EAV.

2. Fomento da Produção e Assistência Técnica

2.1 Fomento

Dentro do fomento da produção, sobressaem a campanha da cultura do milho, as campanhas de fomento da fruticultura, nomeadamente a de 1962, já atrás mencionada, e a campanha de fomento pecuário, que obedeciam a um plano nacional, emanado pela Secretaria de Estado da Agricultura. Eram acções deveras complexas e absorventes, constituídas por actividades de divulgação, sensibilização e educação dos agricultores para a prática de determinadas técnicas agrícolas. Estas tarefas efectuavam-se com o auxílio de cartazes, folhetos de divulgação, jornais de parede e por meio de visitas de agricultores a campos de demonstração, sessões de cinema, exposições, reuniões com agricultores, linhas de crédito apropriadas (como as destinadas à construção de nitreiras, silos, estábulos e casas de mungidura, estabelecimento de pastagens, durante os anos 50 e 60), concursos do melhor produto agrícola, palestras, programas radiofónicos etc.

Nos anos 80, pelos SER, através do PROCALFER foi, de certo modo, dada continuidade à campanha do milho, juntamente com diversas culturas forrageiras e pratenses, constituídas de misturas de gramíneas e leguminosas. Para além daquelas actividades, fomentou-se o fornecimento à lavoura de sementes de trigo, centeio, cevada, trevo violeta, milho, batata, morangueiros, bacelos, garfos de fruteiras, garfos de videiras, videiras enxertadas e fruteiras. Isso implicava a regular produção anual de sementes daquelas espécies e uma cuidadosa e diversificada actividade viveirista, objectivos que vinham praticamente desde a formação da EAV. Contudo, no caso das sementes, só o fornecimento de semente de milho se prolongou até final dos anos 80.

Quanto aos viveiros, a actividade foi mantida até aos anos 90, produzindo avultadas quantidades de árvores de macieiras e aveleiras, paralelamente a um menor número de pereiras, ameixeiras, pessegueiros e cerejeiras. A Estação Agrária dispunha de campos de pés-mães de porta-enxertos das respectivas espécies a produzir e, facto interessante de realçar é que, já nos anos 50, se experimentava o efeito de hormonas no enraizamento de estacas de porta-enxertos de videira.

Apesar do avultado montante de material vegetativo produzido, nunca foi seu propósito, exercer algum tipo de concorrência às muitas unidades comerciais do ramo que foram surgindo. Quando, nos anos 60, a fruticultura experimentou forte intensificação, exigindo o perfeito estado sanitário e o rigor varietal das plantas e dos porta-enxertos a instalar, verificava-se que os viveiristas dessa época não possuíam condições técnicas capazes de dar resposta às crescentes solicitações. Por conseguinte, a EAV apenas procurara suprir com eficiência parte das necessidades da região.

2.2 Assistência técnica

A assistência técnica prestada aos agricultores, consistia em consultas dadas pelos técnicos no gabinete, nos Grémios da Lavoura ou no próprio campo, aonde se deslocavam frequentemente a propósito de inúmeros problemas. Eram também ministrados vários cursos, onde predominavam os de podadores de oliveiras e fruteiras, que foram realizados regularmente, desde os anos 30 até à década de 90, altura em que a formação profissional passou a ser da responsabilidade das organizações de agricultores. O impacto daqueles cursos na fruticultura regional foi extraordinário, muito contribuindo para formar verdadeiros fruticultores e tornar a fruticultura numa actividade eficiente e lucrativa, porque o podador, segundo Vieira Natividade, "(...) tem de ser, acima de tudo, arboricultor e não um inconsciente confeccionador de copas simétricas e bonitas, ou um lenhador atrevido, incapaz de interpretar as reacções da árvore". Por isso, nestes cursos, não contava só o manejo da tesoura e do serrote, pois eram ministradas sólidas

noções de morfologia e de fisiologia da árvore, bem como princípios de fertilização, de tratamentos fitossanitários e outras regras de condução dos pomares.

Outros cursos foram ministrados ao longo dos anos tais como: Capatazes fitossanitários, Adestramento de trabalhadores rurais, Iniciação agrícola e Extensão agrícola familiar, estes últimos dirigidos fundamentalmente às mulheres, conferindo conhecimentos e regras básicas de higiene e saúde familiar, economia doméstica e de apoio à gestão da exploração agrícola. Sob a acção dos SER foram realizados em concelhos de maior vocação para a actividade pecuária, cursos de manejo de gado bovino, ovino e caprino.

Relativamente aos Serviços de Extensão Rural, mais uma vez a EAV assumiu o estatuto de pioneira e durante o período de 1978 a 1985, foi a sede de um projecto-piloto de extensão rural, planificado ao nível da freguesia e orientado para a resolução dos problemas inerentes às explorações agrícolas, aos jovens e às comunidades rurais.

2.3 Divulgação de conhecimentos

Independentemente das campanhas de fomento, a divulgação de conhecimento adquirido através da experimentação, foi sempre objectivo da EAV, realizando palestras, conferências, dias de campo, dias abertos, a par da elaboração de artigos técnico-científicos para participação em eventos nacionais e estrangeiros (colóquios, seminários, reuniões temáticas, congressos, etc.).



Fig. 14 Dois exemplos de folhas divulgadoras.

Na década de 60, a EAV foi pródiga na produção de um número considerável de folhas divulgadoras, relativas aos temas de maior interesse para a região, mormente no âmbito da produção animal, produção de forragens e pastagens, produção frutícola, produção de milho, etc. A sua edição era da responsabilidade dos Serviços de Informação Agrícola da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, sendo de grande valia prática para o agricultor, pela informação técnica que continham.

Sob a hierarquia da DRABL e, presentemente, da DRAPC, a propósito de eventos de divulgação técnica realizados na EAV e noutros locais, no âmbito das acções em curso, têm sido elaboradas fichas técnicas e um elevadíssimo número de folhetos de divulgação, apresentando resultados e orientações, de particular interesse para as culturas objecto de divulgação.

Nos últimos anos, ao abrigo de projectos de Investigação e Desenvolvimento (ID), em parceria com outras entidades a EAV tem dado, também, uma colaboração muito efectiva na concepção de publicações de enorme interesse técnico e científico, no domínio da caracterização de variedades de macieira, aveleira, castanheiro e de espécies forrageiras e pratenses.

LIGAÇÕES FUNCIONAIS COM OUTROS ORGANISMOS

Porque nas Estações Agrárias se processava a fase final das descobertas levadas a cabo pelas Instituições de Investigação pura (caso, por exemplo, de muitas variedades de trigo e de algumas espécies forrageiras e pratenses, obtidas pela Estação Nacional de Melhoramento de Plantas de Elvas), a EAV manteve ligações sinérgicas com aquele e outros organismos nacionais desta natureza, em particular com a Estação Agronómica Nacional, Estação Nacional de Fruticultura Vieira Natividade, Estação Nacional Florestal, Centro Nacional de Protecção da Produção Agrícola e Laboratório Químico Agrícola Rebelo da Silva.

Em outras esferas de actividade, como o ensino, a existência de profícuas relações funcionais com certos estabelecimentos de diferentes níveis de ensino agrário, nomeadamente o Instituto Superior de Agronomia e outros tem levado à criação de condições para a realização de estágios intercalares e de fim de curso de engenheiros agrónomos, engenheiros técnicos agrários, práticos agrícolas, etc. Mesmo a nível secundário, a EAV manteve por alguns anos um protocolo de colaboração com a Escola Secundária de Emídio Navarro de Viseu para o estudo prático dos alunos do curso de formação profissional.

No passado, verificou-se também uma colaboração efectiva com os Grémios da Lavoura, com a Federação Nacional dos Produtores de Trigo e outras organizações de agricultores.

Recentemente, têm-se estabelecido parcerias, de grande interesse mútuo, com Universidades, Institutos Politécnicos, outras Direcções Regionais, bem como, com Cooperativas e Associações do sector agrícola, para a realização de projectos de investigação e desenvolvimento, de reconhecido interesse para a região.

VISITAS

Pelo programa de trabalhos que a EAV veio desenvolvendo através dos anos, teve o privilégio de se posicionar entre as Instituições de maior prestígio a nível nacional. Por esse motivo, era visitada regularmente por técnicos de todo o país, que aqui vinham colher informações. Desde 1938 que era ponto obrigatório de visita anual por parte dos alunos do Instituto Superior de Agronomia e de outros estabelecimentos de ensino agrário, bem como de grupos de técnicos e de agricultores nacionais e estrangeiros.

Actualmente, o diversificado plano de actividades de experimentação que mantém, em particular no âmbito da fruticultura, continua a despertar o interesse de alunos de todos os níveis de ensino, locais e de fora da região, bem como de agricultores e técnicos, que frequentemente aqui se deslocam, podendo obter informações técnicas, tomar conhecimento de todas as actividades experimentais em curso e, inclusivamente, sugerir outras linhas de experimentação que venham ao encontro de necessidades suscitadas por certas actividades agrárias, desenvolvidas na região.

O AMANHÃ

A evocação destas imagens relativas ao caminho desbravado pela EAV, ao longo dos seus 75 anos, não envolve o menor saudosismo e muito menos vislumbre de qualquer termo de percurso, que deixe estultamente admitir tudo estar feito, ou nada mais valer a pena fazer, porque outros em condições mais favoráveis o farão por nós.

Procurámos tão só ilustrar a sua dinamizadora acção em prol da agricultura nacional e regional, as pontes que foi capaz de edificar entre a investigação e a lavoura, ainda que, em determinadas épocas, com meios reconhecidamente incipientes, para além dos reveses sofridos por certos ventos de mudança.

A enorme panóplia de acções que adornam a sua existência é a prova de que em nenhum momento esteve omissa ou indiferente às muitas reestruturações da vida agrícola do país, procurando, sim, manter-se na vanguarda das inovadas tendências

que iam surgindo. Julga-se que, até ao presente, cumpriu bem os elevados desígnios com que foi vaticinada a sua formação.

Não obstante, os ajustes a que se teve de proceder perante circunstâncias novas, a essência das funções que a caracterizavam manteve-se inalterada, agindo e cumprindo sempre o princípio de que a investigação e a experimentação agrícolas são os pilares fundamentais do desenvolvimento de uma região e de um país.

Por conseguinte, é nesta acepção que a Estação Agrária de Viseu deve prosseguir o seu amanhã, apelando à sua enorme capacidade de adaptação sem desvirtuar o seu profundo carácter de entidade de experimentação e de desenvolvimento.

O trabalho de mérito que desenvolveu e o que no presente continua a realizar, em parte orientado para modos de produção agrícola que preservam o ambiente, habilitam-na a projectar futuramente uma acção não menos meritória, assim ela seja dotada dos necessários meios técnicos e humanos e as estratégias políticas concebam a revitalização da agricultura regional.

Considerando que a agricultura da região, mercê das condições edafo-climáticas que lhe são próprias e de todo o contexto sócio-rural que a caracteriza, não se afigura de fáceis resultados económicos, torna-se necessário engenho para a transformar numa actividade sustentável. Além disso, o horizonte de exigências dos modernos sistemas de produção de alimentos, alarga-se cada vez mais em requisitos para com o ambiente. Contudo, nenhum país goza de independência se não produzir a maior parte dos alimentos que consome, meta que, nestes últimos anos, se afastou cada vez mais em Portugal, devido às políticas agrícolas seguidas. Portanto, a solução para estes problemas terá necessariamente de emergir duma investigação científica sólida e dinâmica, secundada por uma experimentação actuante e vizinha dos locais onde os problemas se colocam. Afinal, estes princípios não são novos, pois, já em 1936, o legislador os referia no preâmbulo do Decreto-Lei que criou a EAV....

Perante a necessidade de alimentar um mundo cada vez mais populoso e carenciado de alimentos, as inovações tecnológicas são constantes, na incessante busca de plantas e técnicas de produção que, simultaneamente, garantam maiores produções e não comprometam um futuro que se pretende sustentável e duradouro.

Como forma de atingir esses objectivos, multiplicam-se no mundo actividades de investigação e experimentação que requerem a existência de estruturas apetrechadas com meios humanos e materiais, para além dos financeiros, capazes de cobrir os seus elevados custos de funcionamento.

Conscientes das nossas limitações estruturais e financeiras, que não nos permitem a realização de trabalhos que acarretam elevados custos, mas igualmente empenhados em acompanharmos as inovações tecnológicas, que nas diferentes vertentes da nossa actividade experimental vão surgindo nos países europeus, encetámos há alguns anos um programa periódico de visitas de estudo, sem custos para o erário público, a centros experimentais - Estação Experimental de Mollerusa, Estação Experimental de Laimburg e Instituto Agrário de San Michele All' Adige - o primeiro situado em Lérida (Espanha), o segundo em Bolzano, e o terceiro em Trento, ambos em Itália. Mercê desses contactos e para além dos conhecimentos adquiridos e das transferências tecnológicas efectuadas, foi já possível, em cooperação com a Associação de Viveiristas do Distrito de Coimbra, estabelecer protocolos de cooperação com empresas estrangeiras, para a introdução e ensaio de novas variedades de macieira, instalar e estudar plantações com novos compassos, novas formas de condução, etc.

Independentemente dos resultados que já obtivemos e que nos dão alento para novas tarefas, estamos certos que muito teríamos a ganhar se estas ligações, que foram geradas a partir de contactos estabelecidos a título particular, pudessem evoluir para uma cooperação institucionalizada e com carácter oficial. Dessa forma seria possível perspectivar outros tipos de colaboração, nomeadamente o acompanhamento mais persistente dos ensaios, o acesso a resultados mais completos e a organização de visitas de grupos de técnicos e agricultores para observarem experiências que, embora importantes e indutoras de novas produtividades, estão fora do nosso alcance, pois exigem elevados investimentos em estruturas humanas e materiais.

Se para a transição da velha agricultura de subsistência para uma agricultura mais produtiva e de melhor qualidade, contribuiu, em larga medida, a acção relevante dos Serviços Agrícolas, e a região muito deve à acção permanente e inovadora da Estação Agrária de Viseu, o novo salto quantitativo e qualitativo, de que a agricultura regional necessita urgentemente, requer, de igual modo, o contributo concertado de todos os intervenientes do espaço rural. Seria, pois, pouco acertado desperdiçar as enormes potencialidades que um Organismo deste cariz possui, como suporte técnico e experimental do desenvolvimento agrário. A lavoura da região e do país, como no passado, muito dela espera no futuro.

Por último reiteramos o desejo de todos quantos, por qualquer forma ou modo, estão ligados à Estação Agrária de Viseu: que com o nosso desempenho possamos honrar a memória dos que nos antecederam, e legar aos vindouros uma Instituição mais activa e prestigiada.

Ficha Técnica:

Título: **1936 - 2011 Estação Agrária de Viseu - 75 Anos ao Serviço da Agricultura**

Coordenação: **Leontina Fonseca**

Colaboração: **Comissão Organizadora**

**António José Lopes,
Arminda Lopes,
Belarmino Saltão,
Catarina Maluco,
Francisco Fernandes,
Jorge Sofia,
José Santos,
Manuel Salazar,
Maria Helena Pinto,
Rui Cabral,
Sérgio Martins e
Vanda Batista**

Fotografias: **Acervo da Estação Agrária de Viseu**

Capa: **José Augusto**

Viseu - Novembro de 2011